



**“ABRE-SE NOVA ETAPA NO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA EM MINAS”: A I JORNADA DE ESTUDOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA (BELO HORIZONTE – 1957)**

Cássia Danielle Monteiro Dias Lima<sup>1</sup>

**RESUMO**

*No final da década de 1950 e início da década de 1960, a Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG), a Diretoria de Esportes (DE-MG) e a Associação de Ex-alunos da EEF-MG se uniram na realização de um conjunto de cursos, chamado Jornadas Internacionais de Educação Física. Ao todo ocorreram cinco edições, de 1957 a 1962. Conhecer detalhadamente esse conjunto de cursos e compreender sua contribuição para a prática profissional do professorado de Educação Física de Minas e de outros estados brasileiros, constitui um dos objetivos de meu projeto de mestrado, que está em andamento. Procuramos, para esse artigo, estabelecer um diálogo com os conteúdos da primeira edição do encontro expostos em duas fontes: a primeira edição do “Jornal Educação Física” e seis cadernos contendo planejamentos de algumas aulas ofertadas nesse “certame”. Buscamos identificar as temáticas e investigar os sentidos e significados, científicos e pedagógicos, atribuídos a Educação Física, tornando possível apurar as representações que circularam e contribuíram para a formação de professores e alunos.*

**Palavras-chave:** Educação Física; História da Educação Física; Formação de Professores; Representação.

**ABSTRACT**

*In the late 1950 and in the beginning of 1960, the School of Physical Education of Minas Gerais (EEF-MG), the Direction of Sport (DE-MG) and the Association of Ex-Students from EEF-MG, held together a set of courses, called “Jornadas Internacionais de Educação Física”. They were five editions on the whole, from 1957 to 1962. Understanding those courses and their contributions to the professional practices of the Physical Education teachers from Minas Gerais and other states of Brazil, is the purpose of my Master degree, still ongoing. In this paper we seek to analyze the contents from the first edition of the meeting, starting from two sources: the first number of the “Jornal Educação Física” and six notebooks concerning some of the courses proffered in that event. We attempted to identify the themes and investigate the meanings and the senses, scientific and pedagogic, assigned to Physical Education, aiming to shed light on the representations that circulated and contributed to mold the teachers and students.*

**Key-words:** Physical Education; History of Physical Education; Mold the Teachers; Representation.

<sup>1</sup> Licenciada em Educação Física (EEFFTO/UFMG). Mestranda em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG. Bolsista da CAPES. Membro e pesquisadora do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer da EEFFTO/UFMG.



## RESUMEN

*Hacia finales de la década de 1950 e inicios de la década de 1960, la Escuela de Educación Física de Minas Gerais (EEF-MG), la Directoria de Deportes (DE-MG) y la Asociación de Ex-alumnos de la EEF-MG se unieron para la realización de un conjunto de cursos, llamado “Jornadas Internacionais de Educação Física”. En total ocurrieron cinco ediciones, de 1957 a 1962. Conocer detalladamente ese conjunto de cursos y comprender su contribución para la práctica profesional del profesorado de Educación Física de Minas y de otros estados brasileños, constituye uno de los objetivos de mi proyecto de maestría, que está en andamento. Buscamos, para este artículo, establecer un diálogo con los contenidos de la primera edición del encuentro expuestos en dos fuentes: la primera edición del “Jornal Educação Física” e seis cuadernos que contienen planificaciones de algunas clases ofrecidas en ese “certamen”. Pretendemos identificar las temáticas e investigar los sentidos y significados, científicos y pedagógicos, atribuidos a la Educación Física, posibilitando inquirir las representaciones que circularon y contribuyeron para la formación de profesores y alumnos.*

**Palabras clave:** *Educación Física; Historia de la Educación Física; Formación de Profesores; Representación.*

## Apresentação

Professores e alunos da Escola de Educação Física de Minas Gerais (EEF-MG), assim como, professores de renome nacional e internacional marcaram presença nas Jornadas, proferindo palestras e cursos. Os encontros foram anunciados na época, pelos jornais locais, com muita euforia, sendo considerados uma “iniciativa arrojada”. Sujeitos não oriundos da área, como padres e freiras, também participaram efetivamente dos encontros, inclusive de sua parte prática. Participação que veio corroborar com o cunho moral e religioso que o “certame” pretendia ressaltar. Os conteúdos que circularam eram considerados os mais modernos e inovadores pelos anunciantes. Compreender esse curso em seus detalhes, assim como, apurar como contribuiu na formação de professores para a disciplina Educação Física, é o que pretendo realizar durante meu mestrado em Educação<sup>2</sup>.

Nesse artigo analisamos duas fontes da primeira edição do evento: a primeira edição do *Jornal Educação Física* e seis cadernos de planejamentos de algumas aulas ofertadas nesse curso. Podemos apurar, por meios delas, os sentidos e significados atribuídos à Educação Física, como também esboçar o

---

<sup>2</sup> O projeto foi denominado: “As Jornadas Internacionais de Educação Física e a formação de professores de Educação Física: Belo Horizonte, 1957 – 1962”. Está sendo realizado no Programa de Pós Graduação: Educação, conhecimento e inclusão social da Faculdade de Educação (FaE) da UFMG, desde março de 2010, sob orientação da professora Dra. Meily Assbú Linhales. Esse projeto está vinculado a um projeto maior elaborado pelos membros do Centro de Memória da Educação Física e do Lazer (CEMEF), intitulado: “Circularidade de modelos pedagógicos e formação de professores de Educação Física em Belo Horizonte: vestígios de práticas no acervo do CEMEF/UFMG (1950-1980)”. O mesmo foi aprovado no Edital FAPEMIG 07/2009 - Programa de Apoio a Grupos Emergentes de Pesquisa.



perfil do professor e do aluno que se pretendia formar, para e por essa disciplina, em 1957, em Belo Horizonte.

### **Sobre as fontes**

O jornal é um tipo de fonte documental extremamente rica, que pode trazer discussões sobre vários assuntos e ainda servir de suporte para outras fontes como, por exemplo, as iconografias. É preciso ponderar sobre a origem do documento, buscar informações sobre a edição do jornal, observar a disposição dos assuntos no mesmo, suas diferenças internas (editorial, colunas, propagandas, etc.). Márcia Dias pondera que devemos considerar o jornal uma produção cultural, elaborada “por sujeitos históricos determinados e inseridos em um contexto histórico também determinado” (1999, p. 22). Assim, é preciso considerar o fato do *Jornal Educação Física* ter sido criado e editado pelos sujeitos responsáveis pela EEF-MG. Dessa forma, é bem provável que haja uma tendência em ressaltar o caráter positivo da Jornada. Apesar disso, acredito ser uma fonte importante para compreender o lugar que esse curso ocupou nessa Instituição. Além da 1ª edição, de outubro de 1957, foram elaboradas mais três edições desse jornal: a 2ª em janeiro de 1958; a 3ª em novembro de 1958 e a 4ª em outubro de 1959.<sup>3</sup>

Além do *Jornal*, encontramos também oito cadernos contendo planejamentos de cursos que foram ministrados na I Jornada. Na parte inferior da capa há espaços, preenchidos a caneta, destinados para determinação do assunto, do professor e para especificar o número do polígrafo<sup>4</sup> (nesse espaço é sempre colocado o mês e o ano da realização do evento, agosto de 1957). As oito temáticas são variadas: Atividades Rítmicas; Atividades Físicas Generalizadas; Basquetebol e Ginástica Feminina; Construção de equipamentos e instalações; Educação Física para crianças; Metodologia do treinamento esportivo; Planejamento da aprendizagem e o ensino, Regras do Voleibol, Handebol e Futebol de Salão. Há nesses documentos conselhos para os professores, regras dos esportes, exemplos de exercícios, partituras e letras de músicas, ilustrações, algumas citações de livros e autores sobre os assuntos abordados. Podemos apreender defesas de uma educação integral do indivíduo, que abarque mente e corpo, educando o espírito, o físico, o intelecto e, com grande ênfase, a moral. Por serem mais específicos e não acrescentarem muito à discussão que aqui propomos, não abordaremos os conteúdos dos cadernos: Construção de equipamentos e instalações e Regras do Voleibol, Handebol e Futebol de Salão.

É curioso o fato de que, apesar de serem duas fontes diferentes, relativas à mesma edição do curso, os conteúdos expostos em uma não se repetem na outra. Assim, o que é ressaltado no *Jornal*, não é abordado nos cadernos de planejamentos que encontramos.

### **Um breve relato sobre a Escola de Educação Física de Minas Gerais**

Em Belo Horizonte a década de 1950 abrigou a criação de duas Escolas de Educação Física. Uma do Estado e outra das Universidades Católicas. Em 8 de fevereiro de 1952 a EEF-MG iniciou suas atividades. Pouco tempo depois, o então Arcebispo de Belo Horizonte, Dom Cabral, reuniu outro grupo, com o propósito de fundar o curso de Educação Física das Faculdades Católicas, mantidas pela Fundação Mineira de Cultura.

<sup>3</sup> Ver: LIMA, Cássia D.M.D; LINHALES, Meily A. A I Jornada de Estudos da Educação Física sob o olhar do *Jornal Educação Física*: Belo Horizonte, 1957. In: III Simpósio de História da Educação Física e do Esporte, 2010. Aracaju. *Anais...*

<sup>4</sup> Este era o nome utilizado para estes cadernos ou apostilas. Segundo o dicionário Aurélio, é o que escreve sobre matérias diversas.



Ambas as Escolas realizavam suas atividades no Minas Tênis Clube em horários alternados. Entretanto, a quantidade de alunos inscritos no vestibular era pequena, gerando prejuízos às duas Escolas. Este pequeno número de candidatas, aliado a problemas de ordem financeira, fizeram com que os coordenadores dessas Instituições optassem pela junção das mesmas, ato ocorrido em 15 de novembro de 1953. Em 13 de abril de 1955 a Instituição recebe seu reconhecimento Federal, pelo Decreto 37.161 (GOMES, 1968 p. 17). De 1953 até a federalização em 1969, momento no qual a EEF-MG passou a pertencer a Universidade Federal de Minas Gerais, a Escola funcionou sob o regimento pedagógico das Universidades Católicas e com investimento financeiro do Estado, conferindo um caráter híbrido à Instituição.

Nesse novo formato, a Escola encontra no Governador Dr. José Francisco Bias Fortes um forte aliado que, com amplo interesse político, passou a incentivar suas ações, aumentando sua visibilidade e influência. Surgem, então, em 1957 dois empreendimentos relacionados à Educação Física: o “Jornal Educação Física” e a “Jornada de Estudos de Educação Física”, ambos patrocinados por recursos provenientes do Estado (ALMEIDA CAMPOS, 2007). Através dessas ações a Escola de Educação Física passou a se projetar no cenário acadêmico.

### **A Jornada de Estudos de Educação Física: “uma iniciativa que bastaria para consagrar seus idealizadores”**

A Jornada de Estudos da Educação Física foi realizada de 12 a 20 de agosto de 1957.<sup>5</sup> O motivo norteador de sua realização foi o de “ampliar a inserção da Escola na sociedade belorizontina e mineira” (ALMEIDA CAMPOS, 2007). Em entrevista cedida a um jornal o professor Odilon Barbosa, da EEF-MG, profere as seguintes frases sobre a I Jornada: “A 1ª Jornada foi de caráter experimental. Alcançou sucessos. Tivemos cerca de 130 inscrições”<sup>6</sup>.

Logo na página inicial da primeira edição do *Jornal Educação Física*, temos a reportagem intitulada “Abre-se nova etapa no ensino da Educação Física em Minas”. Já nas primeiras linhas podemos encontrar designações como “arrojada iniciativa”; “mestres de fama internacional”; “os mais modernos conceitos e métodos”, comentários sobre o “conclave”, seus ministrantes e os assuntos apresentados. Sempre é ressaltada a novidade vinda dos “centros adiantados do mundo”. Traz a seguinte informação, também na primeira página: “O certame reuniu cerca de trezentos professores e técnicos vindos das mais diversas localidades do Estado”.

Participaram do encontro, os professores Major Geraldo Pinto de Souza, Guiomar Meireles Becker, Padre Carlos José Gonçalves, Tenente Coronel Olavo Amaro da Silveira, Ciro Marinho de Paula Mota, todos da EEF-MG. Os professores convidados Gerhard Schimidt (da União Austríaca de Ginástica); Hanns Prochowinck (da Escola Nacional de Educação Física); Zaide Maciel de Castro (da Prefeitura do Distrito Federal); Augusto Listello (do Instituto Nacional de Esportes da França); Alfonz Renez (diplomado pela Academia Real de Educação Física da Hungria); Antônio Boaventura da Silva (da Escola de Educação Física de São Paulo); Agenor de Santana (da Divisão de Educação Física do Ministério da Educação), Mauro Teixeira e Júlio Mazzei (da Escola de Educação Física de São Carlos),

<sup>5</sup> No ano de 1958 o encontro passa a se chamar Jornada Internacional de Educação Física e o curso ocorrido em 1957 passa, então, a ser denominado nas fontes como a I Jornada Internacional de Educação Física.

<sup>6</sup> Recorte de Jornal pertencente ao Dossiê Recortes de Jornais do Fundo Professor Herbert de Almeida Dutra – Coleção Professores / Acervo do CEMEF.



Moacyr Daiuto, Luiz Alves de Mattos. Ainda participaram o Dr. José Guerra Pinto Coelho (Diretor da EEF) de os professores Dr. Sylvio José Raso e Odilon Barbosa (o Barbosinha) que foram os responsáveis pela organização do evento.

Professores e alunos se reuniram para homenagear o, então, Governador de Minas Gerais, Bias Fortes e o arcebispo Dom Antônio Cabral, durante a realização do curso. A primeira homenagem ocorreu nos jardins do Palácio da Liberdade incluindo “um variado programa de demonstrações a cargo dos professores e alunos que participavam da Jornada”. Esse “programa” foi iniciado por uma exibição de Ginástica Moderna comandada pela professora Guiomar M. Becker. Posteriormente os professores convidados Gerhard Schimidt e Hanns Prochowinck “executaram saltos acrobáticos de solo, no plinto e nas paralelas”. A homenagem foi finalizada com apresentação de danças folclóricas brasileiras sob a orientação da professora Zaide Maciel de Castro. Nos intervalos, o professor Gerhard Schimidt “apresentou algumas danças características de seu país, Áustria”. O senhor Bias Fortes disse ao *Jornal* que “a festa” havia sido “um alento necessário ao descanso de espírito para um homem assoberbado pelos problemas de ordem administrativa e por tantos outros que afligem nossa gente”. Fez-se notório também o toque de humor dado ao evento pelo professor Barbosinha, que proporcionou aos presentes “alguns momentos de sadio humorismo”.

Já outra homenagem foi realizada em um sítio onde o fundador da Universidade Católica se encontrava convalescente, o *Jornal* justificou a iniciativa pelo apoio sempre prestado pelo Arcebispo “a causa da Educação Física”. Foram realizadas apresentações de ginástica, danças folclóricas e “dos diversos exercícios que estavam sendo postos em prática durante a Jornada”.

Ainda nessa edição do *Jornal* é republicada uma crônica do Jornal Folha de Minas, do “Grão Pimenta por Malaqueta” na qual o jornalista Fortunato Pinto Junior emite a seguinte opinião sobre a realização do evento: “Uma iniciativa que bastaria para consagrar seus idealizadores, dada a extraordinária repercussão que ela tem despertado no mais novo plano do ensino especializado”.

A entrega dos certificados de participação e conclusão do curso foi condicionada a uma prova escrita e a verificação de comparecimento. Dos 234 inscritos (informação que ultrapassa as 130 inscrições declaradas por Odilon Barbosa) 97 não receberam certificação por não alcançar o índice mínimo de frequência.

Na página 6, dessa mesma edição, a presença da Freira Irmã Juliana Verbist<sup>7</sup> oriunda da cidade de Montes Claros, no Norte de Minas, é destacada: “Participando de todas as atividades do certame [...] deu um sadio exemplo de compreensão da importância da Educação Física, mostrando ao mesmo tempo, com a sua presença, a seriedade com que foi encarada a nossa Jornada”. Ao finalizar a reportagem da primeira capa (que acaba na página 6) o autor defende que o evento proporcionou a oportunidade de atualização dos conhecimentos técnicos e pedagógicos aos “professores especializados mineiros”.

Nos discursos dos professores, analisados nas duas fontes mencionadas, as figuras de professor e técnico se misturam, não obtendo distinção clara. Também não é possível determinar o limite entre treinamento e aula, uma vez que, utilizam os dois termos sem apontar diferenças entre eles. Poucos fazem menção ao aluno e, quando fazem, se referem à criança ou ao esportista/jogador. Somente nas temáticas

<sup>7</sup> A Irmã Juliana Philomena Verbist, chegou ao Brasil em 1953 vindo da Bélgica. Faz parte da Congregação das Irmãs do Sagrado Coração de Maria de Berlaar na Bélgica. Trabalhou com Zilda Arns, em Londrina (Paraná), colaborando na implantação da primeira Pastoral da Criança em Minas Gerais, na cidade de Montes Claros, em 1984. Foi também a primeira coordenadora dessa Pastoral, cargo que ocupou durante 11 anos. Atualmente reside na Bélgica (In: <http://www.arquimoc.org.br/>. Acessado em 21 de março de 2011).



sobre danças e ginástica feminina o termo é tratado no gênero feminino. Foi possível identificar diferentes representações sobre Educação Física, e também sobre o perfil do professor, da aula e do aluno que se esperava formar nesse contexto.<sup>8</sup> Essa análise será apresentada a seguir.

### **A Educação Física: “modelando caracteres valiosos do ponto de vista físico e espiritual”**

O professor Afonso Z. Renez logo no início de seu texto pergunta o que é a Educação Física. Ele mesmo responde afirmando ser uma ciência, uma arte, “um objetivo pedagógico, que faz das atividades físicas um meio útil para a Educação modelando caracteres valiosos do ponto de vista físico e espiritual”. Para ele essa disciplina tem que construir suas bases na pedagogia, na psicologia e na biologia: “há necessidade das disciplinas se alinharem como engrenagens de máquinas”. Entende, assim, que é um conhecimento que perpassa saberes das áreas biológicas e humanas e que essas precisariam “funcionar” em harmonia.

Em algumas afirmativas podemos encontrar a crença em uma Educação Física utilitária, em vigor no Brasil desde o início do século XX.<sup>9</sup> O Coronel Olavo Amaro da Silveira acreditava que a Educação Física era “capaz de preparar o indivíduo para a utilização mais inteligente de suas qualidades psicossomáticas” e de “dar maior rendimento no trabalho”. O historiador Carlos Monarcha (2010) afirma que a organização social do trabalho, o advento do “fordismo” e do “modo de vida americano” trouxeram essa “cultura da eficiência” para o âmbito da educação.

Já o professor Afonso Renez parece desconsiderar que a Educação Física possui conhecimentos que foram social e culturalmente construídos. Delegando a essa disciplina somente a função de colocar o indivíduo em movimento. Como notamos nesse trecho: “se as nossas crianças pudessem brincar, saltar, trepar [...] ao ar livre num gramado da natureza, talvez nem necessitaríamos da Educação Física”.

Outro aspecto importante, que está no discurso do professor Moacyr Daiuto, é a crença na educação através do esporte e a afirmação de que o aprendizado pelo esporte é “mais duradouro que o obtido através dos livros”. Isso corroboraria o argumento de Afonso Renez, quando esse afirma que a Educação Física tem a capacidade de formar a criança na sua unidade física e espiritual, “onde n’outro terreno não há tantas possibilidades”. Esses argumentos demonstram o interesse em afirmar a Educação Física como um campo de conhecimento e uma prática pedagógica.

Essa era considerada uma disciplina importante, que deveria manter um engajamento com outras áreas do conhecimento. Que por suas singularidades era capaz de formar integralmente o indivíduo, tornando o aprendizado adquirido mais duradouro. Também uma Educação Física que preparasse o corpo para as demais tarefas do cotidiano, aprimorando sua capacidade e eficiência.

### **O professor de Educação Física: “um educador”, “um líder”, “um guia”**

<sup>8</sup> Compreendemos representação como uma noção que contribui para distinção entre grupos, entre modos de organização cultural, etc. Sendo assim, através de uma representação estabelecida, torna-se possível distinguir as comunidades, grupos e/ou coletividades: os intelectuais, os políticos, os esportistas, os religiosos, os professores, etc. (CHARTIER, 1990). É preciso entender como essas representações são criadas e não apenas descrevê-las (FONSECA, 2008).

<sup>9</sup> Sobre esse assunto ver: CARAVALHO, Marta C. de. Molde Nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da ABE (1924-1931) Bragança Paulista/SP: EDUSF, 1998 e LINHALES, Meily A. A escola, o esporte e a energização do caráter: projetos culturais em circulação na ABE (1925-1935) Tese (Doutorado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte: 2006.



A própria organização dos polígrafos aponta o tipo de leitor esperado. Assim temos: um leitor que pesquisa o conteúdo a ser ministrado; observa as práticas; conhece a origem do conteúdo que ensina; entende os signos musicais, pois muitos planos de curso continham partituras de músicas; que se identificam pela aprendizagem por meio de ilustrações e diagramas.

Os professores convidados Schmidt, Daiuto e Renez afirmaram que o professor não deveria prezar pela especialização. Sendo que, segundo Renez, a Educação Física escolar não tinha a responsabilidade de formar atletas, mas sim “dar uma base”: o “educador tem a grande obrigação de formar o pequeno na sua totalidade [...] se não aproveitarmos essas possibilidades agora, nascerá no menor um complexo de inferioridade difícil de eliminar”. O professor austríaco Gerhard Schmidt enfatiza a importância do exercício “guiado pedagogicamente”, pois assim, o resultado seria sempre positivo e permearia “os aspectos orgânico, intelectual, moral e espiritual”. Ao professor de Educação Física foi designada a tarefa e responsabilidade de formar “o todo” e educar integralmente o indivíduo. Essa defesa é recorrente nos discursos dos ministrantes. Enfatizava, alternadamente, que além do físico seria preciso formar a moral, o psicológico, o espiritual, o social, o intelectual e, até mesmo, a alma. O padre Carlos José Gonçalves<sup>10</sup> afirma que “entre dois atletas que disputam na pista, pode ser um mais atleta. Mas, não será mais *HOMEM* se não tiver sabido aliar ao contingente de músculos o vigor de alma” (grifo do autor).

Parece haver uma ênfase em pensar uma Educação integral, sem dicotomia corpo e mente, voltada para as necessidades da criança. Para Moacyr Daiuto, assim como para Mattos, Becker e Renez, o educador deveria desenvolver harmonicamente a personalidade, não somente prezar pela eficiência, mas também pela formação emocional e intelectual do indivíduo, deveria integrar socialmente. Havia também uma preocupação estética em desenvolver nos atletas/alunos o gosto pelo belo, pelo esforço e pela *performance*.

Para ser um bom professor era preciso planejar sua aula/sessão de treinamento e está ciente do que ensinar, para quem ensinar, onde e como iria fazer, ele deveria ser um exímio detentor do conhecimento das regras e dos conteúdos. Segundo o argumento de Luiz Afonso de Mattos: “toda ação inteligente e construtiva obedece a planos cuidadosamente elaborados” e “somente um professor extravagante ou desconhecedor de suas responsabilidades educativas se aventura a ensinar sem um plano definido”. Assim, a capacidade de sistematização de sua ação docente, era enfatizada como uma competência necessária aos professores.

Também se preocupavam com os preceitos higiênicos, com a saúde e com o conforto do aluno, como notamos nas recomendações do Major Geraldo Pinto de Souza: “ter cuidado com o reflexo de luz sobre o quadro negro”; “organização das fileiras”; “não permitir que os esportistas sejam expostos à luz intensa”; “ter cuidado com a visibilidade e com a escuta e arrumação dos locais”. Como também nas considerações de Moacyr Daiuto que afirma ser função do professor zelar pela saúde do jogador, solicitando um parecer favorável de um médico e exames periódicos. Segundo a professora Guiomar Meireles Becker a prática dos exercícios ginásticos é importante para a saúde e a elegância, “combate a gordura que acumula no ventre e tanto prejudica a silhueta”. A professora finaliza seu texto prescrevendo a execução de “exercícios abdominais” diariamente, “de manhã e de noite”.

Moacyr Daiuto afirma que é imprescindível que o técnico tenha uma excelente conduta, para que possa formar “homens para a sociedade” através do seu exemplo. Ainda, para ele, “pode ser técnico todo

<sup>10</sup> Esse padre ocupou a cadeira de Cultura Religiosa na EEF-MG.



aquele que se dedica intensamente ao esporte”. Esse argumento destoa de proposições anteriores do próprio Moacyr, que apontam tantas outras características que fazem parte da gama de conhecimentos necessários ao técnico, que vão muito além de somente se envolver com um esporte. Também para Daiuto, tanto o técnico quanto os jogadores deveriam possuir autocontrole em suas relações com os juízes, esses profissionais deveriam ser considerados “autoridades máximas, idôneas e imparciais”.

Orientações pedagógicas e proposições didáticas bastante permeadas de prescrições morais parecem ocupar a maior parte dos textos. Encontramos, então, várias recomendações aos discentes do curso: falar com clareza, e não vagamente; corrigir os “desportistas”; demonstrar praticamente; usar o exemplo de execução dos próprios alunos; preparar moralmente; incentivar a camaradagem; ilustrar; informar-se sobre as condições do lugar da sessão de treinamento; prezar pela saúde, pela elegância; ser motivado; respeitar o desportista; ter espírito de justiça. Para Luiz Mattos o professor deve ainda: ser metódico, inteligente e tornar o ensino seguro, econômico e eficiente.

Ainda para Major Souza a função do professor é bem específica: ensinar. E deve transmitir os conteúdos levando em consideração a “sensibilidade dos sentidos”: “considerar que a criatura humana que irá receber seus ensinamentos, dispõe dos cinco sentidos do organismo”. Segundo ele o meio mais comum de se transmitir é “através da palavra falada”, através da “audição”, mesmo não sendo esse o sentido mais eficiente, mais sensível. Estabelece, então, uma hierarquia entre os sentidos humanos. Sendo o da visão considerado o principal, o mais receptivo, “atulado”. Para comprovar sua tese cita uma pesquisa sobre o assunto: “E isto é tão verdadeiro que os pesquisadores dos problemas pedagógicos concluíram que 75% das impressões que o indivíduo recebe, são por intermédio deste sentido (visão), enquanto que apenas 25% o são por intermédio dos demais”.<sup>11</sup> Vale comentar que, segundo Diana Vidal (1999), já no final do século XIX se tem a proposta de substituição do ensino verbalista para o ensino pela observação, uma mudança da antiga pedagogia do ouvir, para a pedagogia do olhar. Ainda, para o Major Souza, os outros sentidos (olfato, tato e paladar) poderiam ser usados, mesmo sendo esses mais restritos. Esse professor parece considerar os sentidos como algo restritamente biológico, enfocando somente sua dimensão física. Assim, o treinamento esportivo teria, também, a função de tornar esses sentidos mais apurados. Fazendo com que os alunos vejam melhor, ouçam melhor; etc.

Essas afirmativas nos dão alguns indícios das características e condutas que se pretendiam ensinar aos professores de Educação Física. Formando um professor que além de saber o conteúdo soubesse expor com clareza e objetividade, que planejasse sua aula, que estabelecesse um relacionamento de confiança e “camaradagem” com seu aluno, que ensinasse todos os esportes e não procurasse a especialização. Mas, também um professor que soubesse explorar bem os sentidos humanos, sobretudo o da visão.

### **A aula: “eficiência”, “progressão” e “alegria”**

Em cada sessão de treinamento e/ou em cada aula busca-se o trabalho muscular máximo, com o mínimo de fadiga e de dispêndio energético, tendo em vista a maior eficiência. Para Auguste Listello era

<sup>11</sup> O livro de Carlos Monarcha, Brasil arcaico, Escola Nova. Ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930, aponta que nesses anos, compreendida como uma “tabula rasa”, a criança assume papel central nos estudos sobre a educação e ensino. O autor pontua que essas pesquisas foram realizadas principalmente nos campos da psicologia e psiquiatria. Os testes foram adotados para mensurar escolares, para identificar a idade mental do sujeito, para classificar os indivíduos em “normais” e “anormais”, etc. Embora não abordemos a mesma temporalidade, essa obra assinala que há muitas permanências teóricas no campo educacional.



necessário “fazer compreender, bastante cedo, que o gesto mais eficaz, o mais econômico, o mais inteligente, é sempre aquele executado tendo se em vista as circunstâncias momentâneas” (grifo do autor). Becker; Schimidt e Renez defendem o princípio da totalidade; as formas básicas; os movimentos naturais (andar, caminhar; correr; saltitar; saltar, girar; molejar; balancear). Ainda afirmam que o treinamento deve fugir da rotina monótona, da improvisação e da falta de sequência. Afonso, Gerhard e Moacyr defendem a alegria e a descontração como elementos essenciais. Outra característica importante defendida é a proximidade do treinamento com a realidade. Entre os professores que discursaram na I Jornada havia concordâncias em grande parte das recomendações, embora existam também, nas prescrições de cada professor para uma aula ou sessão de treinamento, algumas singularidades. Nem sempre essa diferença se dá no conteúdo, mas sim na forma como esse é proposto.

Para o Major Geraldo, que ministrou o curso de Metodologia do Treinamento Esportivo, o treinamento pode ser orientado pelo ensino do todo e, nesse ponto há a “importância de uma boa demonstração feita pelo técnico ou pelo capitão da equipe”. Ou pelo ensino das partes, que vem “depois da demonstração do todo”. Ressaltava a importância da escolha de meios auxiliares para despertar a atenção, facilitar a compreensão. Classificou esses meios em dois grupos: meios reais e meios preparados. Para Souza uma sessão de treinamento possui três resultados possíveis: “bom (positivo), ruim (negativo), regular (mais ou menos)”. As causas para se obter um resultado e não outro são diversas: “a ausência ou abundância de material, a carência ou riqueza de tempo disponível, etc.” Mas, são as causas pessoais que exercem maior influência, “para tal julgamento é preciso de análise preliminar”. Quando a aprendizagem é econômica, é positiva para o treinamento; quando não é econômica, é negativa ao mesmo. Apresenta, também, os princípios pedagógicos da aprendizagem econômica: 1º *atitude mental*; 2º *atenção ativa e espontânea*; 3º *interesse*; 4º *método*. O Major ainda acrescentou certas diretrizes “imutáveis” que devem ser obedecidas: a preparação; a apresentação; a aplicação; a verificação; a síntese, discussão e crítica.

Gerhard Schimidt, responsável pelo curso “Método de Educação Física”, apontado pelo *Jornal Educação Física* como “as novidades mais palpitantes trazidas ao especializados mineiros”, resume em três tópicos os “pontos de vistas modernos de orientação pedagógica da Educação Física”: condenação à extrema especialização; trabalhar naturalmente, usar as formas básicas humanas (movimentos totais) e trabalhar alegremente.

Auguste Listello, que versou sobre as Atividades Físicas Generalizadas, fazia a divisão de uma sessão de treinamento em quatro partes: I) aquecimento e preparação psíquica; II) exercícios de flexibilidade e desenvolvimento muscular; III) exercício de agilidade e do “CRAN” (termo francês: Coragem, Resistência, Agilidade e Destreza). Segundo esse professor por meio desses exercícios ocorria o prolongamento dos efeitos morfológicos e da ação sobre as vontades. No último ponto (IV) descreveu as opções de formas de trabalho, que podem variar em individual, em pequenos grupos, no coletivo e na forma de jogo. Enfatizou a importância da satisfação: “a sensação de ter alcançado algo de psíquico pelo somático”. Listello também discorreu sobre a progressão da aprendizagem ligada a confiança estabelecida entre indivíduo e educador.

Moacyr Daiuto, que abordou o Basquetebol, construiu um plano geral de treinamento que deveria ser realizado em três fases: a 1ª obtenção das condições - colocar a equipe em condições de iniciar um treinamento; a 2ª obtenção da forma - é o rendimento máximo e a 3ª preparo tático - “é a ocasião em que o indivíduo realiza o trabalho muscular máximo, com o mínimo de fadiga e de dispêndio energético”. Definiu, assim, quatro pilares para os treinamentos: preparação física, técnica, tática e moral.



Afonso Z. Renez, ministrante do curso Educação Física para crianças, defendia a máxima “prevenir é melhor que remediar”. Afirmava que o treinamento deveria prezar pela prevenção e não pela correção e que para esse objetivo ser alcançado tínhamos “muitas formas no tesouro dos movimentos físicos”. Renez ressalta o valor educativo do esporte e a necessidade de movimento frente a uma organização escolar muito estática. Esse professor, ainda, expõe sua rejeição pela calistenia, método no qual a “criança pratica sem vontade e assim o trabalho não dá frutos” e é considerada igual ao adulto, “seria a coisa mais errada aplicar com os pequenos as mesmas formas que para o adulto tem valor”. Ainda, faz correlações entre os elementos da natureza e os aparelhos da ginástica ou a piscina: assemelhando as barras aos galhos de árvores; o cavalo ao tronco caído; os colchões ao gramado; a corda ou pau vertical a uma árvore para escalar; a piscina ao rio. Renez atribui aos jogos uma importante função social, uma vez que, auxiliam no desenvolvimento da independência construtiva; fortalecem a amizade e a cooperação mútua; faz a vontade individual ser subordinada à vontade do grupo. Através das regras “dos grandes jogos desportivos” seria possível aprender “as regras da sociedade” e “educar melhor o sentido de aceitabilidade”.

O professor Luiz Alves de Mattos defende o planejamento como crucial a uma aula. Define-o como: “a previsão racional e bem calculada de todas as etapas do trabalho escolar e a progressão de todas as atividades de modo a tornar o ensino seguro, econômico e eficiente”. Expõe, ainda, algumas características, que para ele, constituem um bom planejamento: objetivos delimitados, resultados esperados, previsão de tempo, local e data, sucessão de etapas, método a ser aplicado. O planejamento bem elaborado deve conter: unidade fundamental; continuidade; flexibilidade; objetividade e realismo; precisão e clareza. Discorre também sobre os tipos de plano de ensino, que se diferenciam pelo detalhamento e período planejado. Sendo assim, apresenta três tipos: 1) o plano anual ou de curso – que é sintético e contém todo o trabalho “a ser realizado durante um ano escolar”; 2) plano de unidade didática – mais específico, “restringindo-se a cada unidade didática”; 3) plano de aula – mais restrito e particularizado, “prevendo o desenvolvimento do conteúdo [...] dentro do âmbito de cada aula”.

Nessas similaridades e particularidades podemos apurar algumas representações sobre uma aula ou sessão de treinamento que circularam nesse “certame”. Notamos que a eficiência, a progressão e a alegria foram eleitas componentes básicos de uma aula de Educação Física. É, também, possível notar que a preocupação desses professores estava para muito além do físico. Uma vez que, defendiam que durante a aula dever-se-ia prezar pela formação da conduta e da moral. Essa ênfase na educação integral é recorrente em todos os discursos analisados, até mesmo nos dos participantes. Como nos mostra o argumento da Irmã Juliana Verbist: “daí a necessidade da Educação Física que não atende apenas a matéria de que somos feitos, pois forma também os hábitos morais, sociais e artísticos”.

### **O aluno: “o alicerce”**

Afonso Renez afirma que a criança não entende o que está acontecendo, apenas joga. Para ele, a criança é diferente do adulto: “a criança não é ainda uma personalidade desenvolvida”, “é na infância que se coloca o alicerce”. Podemos perceber, diante desses argumentos que desconsideram qualquer tipo de reflexão da criança sobre aula ou/e treinamento, que a visão desse professor sobre a infância parece ir ao encontro da disseminada crença científica na infância como uma fase intermediária, um vir a ser, que não possui importância em si mesma, mas sim é entendida como uma preparação para a fase adulta.<sup>12</sup> Esse

<sup>12</sup> Idem nota 8, p. 7.



professor, ainda, desconfia que a calistenia não tenha o mesmo valor fisiológico na criança que tem no adulto porque a criança “não sabe coordenar seus movimentos com a música”.

Para o Major Souza e Moacyr Daiuto as crianças também detêm uma função específica: a de aprender. As crianças, segundo Renez, aprendem naturalmente e os professores podem aprender com elas. E tudo que causa falta de interesse na criança é negativo, “a alegria é o pulso da aula”. É curioso o fato de Moacyr Daiuto referir-se aos alunos/esportistas usando o termo “elemento”. Ainda esse professor, se declara totalmente contra as táticas ilegais, afirma que “quem pratica atividades ilícitas nunca será um verdadeiro esportista”. Enfatiza que a “melhora está atrelada ao interesse e a concentração e depende mais da vontade do que da quantidade de tentativas” e que a “aprendizagem é obra do aluno e não do professor”.

Os professores Schmidt, Daiuto e Renez se mostraram contrários à especialização e defensores de uma base para aprofundamentos futuros. Assim, afirmaram que o professor de Educação Física deveria ensinar diferentes esportes. Listello é o único que defendeu uma especialização orientada. Para ele a partir dos 10 anos de idade a criança deve ser iniciada ao esporte. Já Afonso Renez afirma que para os menores deveria ser dada prioridade à recreação.

Esperava-se ter um aluno motivado, interessado e de boa conduta. Renez é o único a propor uma via dupla de aprendizado, na qual há a possibilidade do professor aprender com a criança. Como já descrevemos acima, era de responsabilidade do professor inculcar essas características no aluno.

### **Apontamentos...**

Pontuamos que as representações são continuamente construídas, ou seja, não estão acabadas, cristalizadas. Torna-se importante ressaltar que trouxemos para essa discussão a análise de duas fontes, que se referem apenas a uma edição do evento. Dentro desses limites, apontamos as diversas representações que sobre a Educação Física, o professor, a aula e o aluno circularam na I Jornada de Estudos da Educação Física. Ainda, notamos que várias considerações disseminadas nesse “conclave” fazem eco às proposições que vinham sendo anunciadas para a Educação Física desde o início do século XX.

Indagamo-nos se não foram também produzidas representações sobre as próprias Jornadas, como: “certame”, “iniciativa arrojada”, “nova etapa do ensino”. Isso nos faz pensar que talvez essas representações estavam ligadas aos próprios interesses dos sujeitos da EEF-MG e do lugar que desejavam que essa instituição ocupasse na cidade de Belo Horizonte, em Minas Gerais e no Brasil.

Através das fontes analisadas nesse artigo percebemos que à Jornada são sempre atribuídas características positivas, que elevam a moral, sempre ressaltando o caráter sadio de tudo o que ali foi apresentado. Parece-nos que tudo o que vinha de fora, da Europa, era bom, civilizado, evoluído. Isso se torna mais complexo quando analisamos o discurso do professor austríaco Gerhard Schmidt, no qual afirma a importância da Educação Física na formação da juventude e ressalta que no Brasil isso era mais evidente, uma vez que “há uma raça em formação”. Esse discurso pode guardar relação com a crença em um Brasil arcaico, atrasado e de um povo brasileiro frágil e inculto. Como nos aponta Marcos Freitas (2010), “um país sempre próximo da modernidade, mas nunca plenamente dentro dela”.

A inserção religiosa foi algo contumaz em todas as edições das Jornadas. Queremos entender se essa relação com a igreja era somente fruto da ligação administrativa que a EEF-MG mantinha com a Universidade Católica ou se poderíamos acrescentar a isso outras questões. Como, por exemplo, o



incentivo do Papa Pio XII à aproximação dos sujeitos da Igreja com os esportes (FERRAZ, s/d) e a experiência docente de muitas freiras nos colégios confessionais mineiros, como era o caso da Irmã Juliana Verbist. Para Freitas “no âmbito da história da educação escolar da criança, não foram poucas as ocasiões nas quais foi possível identificar o homem religioso fazendo ciência, inclusive da educação” (p. 28, 2010). Nessas relações entre Educação e Religião; Educação Física e Igreja, essas e outras fontes<sup>13</sup> apontam que algumas figuras, como o professor Barbosinha, merecem um estudo mais detalhado.

Ainda fica o sentimento, compartilhando com Marrou, que nesse exercício de escrita de uma narrativa histórica temos que nos esforçar em nos desvencilhar dos nossos préconceitos na busca da compreensão do outro:

“Se o outro fosse completamente dessemelhante, estranho cem por cento, seria impossível compreendê-lo. Uma vez aceito esse aspecto, o conhecimento do outro só será possível se me esforçar em ir ao seu encontro, esquecendo-me, durante um instante, de mim mesmo ...” (MARROU, 1954. apud PROST, 2008).

É preciso, assim, compreender as representações, presentes na I Jornada, no período e contexto aos quais fazem parte, fugindo do temido risco de julgar o passado com conceitos contemporâneos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA CAMPOS, M. A. Histórias entrelaçadas: presença da dança na Escola de Educação Física da UFMG (1952-1977). Dissertação (Mestrado em História da Educação). Faculdade de Educação da UFMG, Belo Horizonte 2007.

CHARTIER, R. O mundo como representação. Revista das Revistas. Estudos Avançados Vol.5 n°11. São Paulo Jan./Abr.1991. IN: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0141991000100010&script=sci\\_arttext&tlng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-0141991000100010&script=sci_arttext&tlng=en). Acessado em 20 de Maio de 2009.

DIAS, M. H. O Diário de São Paulo como fonte. In: VIDAL, D.G. e SOUZA, M. C.C. *A memória e a sombra – a escola brasileira entre Império e a República*. BH: Autêntica, 1999.

FERRAZ, A. de S. A Educação Física e a Igreja. S/ Editora. S/ data.

FONSECA, T. N. de L. e. História da Educação e História Cultural. In: VEIGA, Cynthia Greive e FONSECA, Thaís Nivia de Lima e. *História e Historiografia da Educação no Brasil*. 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FREITAS, M. C. de. Os temas História e Religião na configuração dos debates sobre as reformas educacionais das décadas de 1950 e 1960: a singularidade de uma situação-pessoa. In: FARIA FILHO, L.M., NASCIMENTO, C. V., SANTOS, M. L. *Reformas Educacionais no Brasil: democratização e qualidade da escola pública*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

GOMES, C. A Escola de Educação Física de Minas Gerais: um pouco de História. Revista da Escola de Educação Física de Minas Gerais. Ano 1, N° 1. Abr/Jun. Belo Horizonte: 1968.

<sup>13</sup>Acervo do Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer.



MONARCHA, C. *Brasil arcaico, Escola Nova. Ciência, técnica e utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo. UNESP, 2009.

PROST, A. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VIDAL, D. G. “Por uma pedagogia do olhar”: os museus escolares no final do século XIX. In: VIDAL, D.G. e SOUZA, M. C.C. *A memória e a sombra – a escola brasileira entre Império e a República*. BH: Autêntica, 1999.

**FONTES:**

**Acervo do CEMEF:**

Jornal Educação Física. Ano 1. Nº 1. Out/1957.

Fundo Professor Herbert de Almeida Dutra; Fundo Professor Odilon Barbosa e Fundo Professor Fernando Campos Furtado.

**Endereço:** Rua: Vinte e cinco, nº 46. Bairro: Canaã. Cidade: Ibitaré – MG. CEP: 32.400-000

**E-mail:** [cassia.danielle@yahoo.com.br](mailto:cassia.danielle@yahoo.com.br)

**Data-show**